

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

SILVANA MARIA DA SILVA

QUE SAUDADE DOS BRINQUEDOS!

UMA ANÁLISE DA PASSAGEM DA EDUCAÇÃO INFANTIL

PARA O 2º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

São Leopoldo

2010

SILVANA MARIA DA SILVA

**QUE SAUDADE DOS BRINQUEDOS!
UMA ANÁLISE DA PASSAGEM DA EDUCAÇÃO INFANTIL
PARA O 2º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Trabalho de Conclusão do Curso de Pedagogia, apresentado como requisito parcial para obtenção do título de pedagoga pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Dr^a Rosimeri Aquino da Silva

São Leopoldo

2010

Silvana Maria da Silva

QUE SAUDADE DOS BRINQUEDOS!
UMA ANÁLISE DA PASSAGEM DA EDUCAÇÃO INFANTIL
PARA O 2º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

Trabalho de Conclusão do Curso de Pedagogia, apresentado como requisito parcial para obtenção do título de pedagoga pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Aprovado em:

BANCA EXAMINADORA

Drª Rosimeri Aquino da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Drª Dóris Fiss - Universidade Federal do Rio Grande do Sul

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho primeiramente à DEUS,
que me ajudou a chegar até aqui.

À minha família, ao meu esposo e filhos.

À minha orientadora e tutora.

AGRADECIMENTOS

A construção deste trabalho seria impossível sem a colaboração de algumas pessoas e instituições que, de diversas formas, deram sua contribuição em diferentes etapas. Desta forma, manifesto um agradecimento especial.

À Prefeitura Municipal de São Leopoldo que, em parceria com a Universidade Federal do Rio Grande do Sul, nos cedeu o pólo de informática e tutores.

Ao governo federal que fez parcerias com as universidades federais.

Aos funcionários, professores e tutores da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Finalmente, ao meu esposo, pai e casal de vizinhos, pelo incentivo, companheirismo imprescindível ao longo deste trabalho.

RESUMO

O presente trabalho apresenta um estudo realizado sobre a importância do brincar na infância. Nessa análise verifica-se o espaço que o brinquedo ocupa nas classes de Educação Infantil, comparado aos 2º anos ou 1ª série do Ensino Fundamental. A função do brincar no desenvolvimento infantil, juntamente com as falas dos professores dessas áreas de ensino e das crianças, além de fotos e desenhos é uma tentativa de ampliar o olhar sobre o brinquedo no ambiente escolar, sem que ele seja compreendido como uma perda de tempo, uma diversão ou passatempo. Dessa forma, avalia-se o lúdico como elemento fundamental na construção do conhecimento, da aprendizagem e de uma cultura lúdica.

PALAVRAS-CHAVES:

BRINCAR – CULTURA – PRAZER – CRIANÇA – ESCOLA..

LISTA DE FOTOS

Foto 1: Cartaz coletivo:entrevista dos pais.....	28
Foto 2: Cartaz coletivo : entrevista com os alunos.....	29
Foto 3: Confecção do brinquedo peteca	30
Foto 4: Construção de carrinhos de sucata.....	31
Foto 5: Construindo avião de sucata.....	31
Foto 6: Boneca construída por todos	32
Foto 7: Teatro de fantoches	33
Foto 8: Batismo da boneca.....	41
Fotos 9 e 10: Diário da boneca	42
Fotos 11, 12 e 13: Brinquedo livre na sala	43 e 44
Foto 14: Jogo da memória com os nomes	46
Foto 15: Jogo dos nomes.....	47

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	11
1.1 O PAPEL DO BRINCAR NA CULTURA CONTEMPORÂNEA	17
2 O BRINCAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL	21
2.1 O BRINCAR E A ALFABETIZAÇÃO	22
3 BRINQUEDOS FEITOS POR NÓS	28
3.1 O SURGIMENTO DA INFÂNCIA E DA ESCOLA	34
3.2 BRINCAR PRA QUÊ?	38
4 O QUE AS CRIANÇAS REVELAM DURANTE O BRINCAR	40
5 CRIANÇAS MENORES DE 6 ANOS, APRENDIZAGEM DA LINGUAGEM ESCRITA E O ENSINO FUNDAMENTAL DE 9 ANOS	45
5.1 A PRÁTICA DA CONSTRUÇÃO DE BRINQUEDOS	48
CONSIDERAÇÕES FINAIS	51
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	54

INTRODUÇÃO

O presente trabalho faz parte da conclusão do curso de Pedagogia a Distância (PEAD) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e consiste no estudo sobre a importância do brincar na infância e o lugar que ocupa na escola de Educação Infantil, comparando com a 1ª série da Ensino Fundamental.

O interesse pelo tema brincar, surgiu através da minha atuação como professora de Educação Infantil na Escola Municipal Senador Salgado Filho, em São Leopoldo. O tema do meu estágio foi sobre o resgate dos brinquedos. Atuo na Educação Infantil há apenas oito meses e durante uma atividade denominada “brinquedo livre”, observando as crianças, entendi o quanto é importante este momento. Como sempre trabalhei com adolescentes, não tinha parado para pensar nisso. As trocas de experiências, as vivências que trazem à tona durante o brinquedo, a natureza com que resolvem os conflitos que vão surgindo, a espontaneidade e a facilidade com que se expressam diante do outro cobrando o seu ponto de vista, mesmo até os mais tímidos, os papéis que assumem durante a brincadeira e, principalmente, a alegria e o prazer que demonstram ao brincar. Pude perceber que, quando estão brincando, eles se sentem livres, felizes e seus olhos brilham. Eles nunca ficam cansados de brincar!

Outro momento no qual me interessei pelo tema do brinquedo, foi um momento de conversa que chamamos de rodinha. Dois dias por semana temos essa atividade, onde eles podem contar sobre as novidades do que brincam. Percebi então que as crianças possuíam um espaço limitado para desenvolver essa atividade em suas casas. No bairro em que a escola está inserida e onde mora a maioria dos nossos alunos, a violência, o tráfico e uso de drogas é muito intenso e não temos nenhum posto policial. Temos apenas uma praça com uma cancha esportiva, mas as mães não frequentam por medo. Seus filhos então acabam brincando dentro de casa ou do pátio, segundo relato das

próprias crianças. A partir destas constatações, surgiu a necessidade de compreender como as crianças brincam, de que brincam, como brincam e do que mais gostam de brincar. E de que maneira realizam essas brincadeiras no espaço que tem na escola.

Durante este estudo, que teve seu início no meu estágio, analisei as maneiras como elas brincavam, fiz pesquisas com os pais para descobrir de que brincavam quando crianças e de que seus filhos brincam. Fizemos então uma pequena comparação das brincadeiras de ontem e de hoje. Fizemos um resgate das brincadeiras dos pais, onde eles tiveram que produzir o brinquedo juntamente com o filho e apresentar a turma. Saíram brinquedos lindíssimos, todos feitos de sucata, brinquedos com os quais brincamos até hoje. Tudo isto me instigou e me motivou a querer saber como se dá esta passagem da Educação Infantil para o Ensino Fundamental, questionando ainda, qual a função do brincar na construção da aprendizagem. O que pensam os professores que trabalham com a alfabetização sobre o brincar, se eles promovem em suas aulas um espaço para o lúdico onde as crianças possam desenvolver com prazer suas habilidades e demonstrar suas capacidades através do brinquedo.

O uso de estudos de caso em pesquisa tem sido apresentado de várias formas, para esse trabalho que ora apresento, porém, a definição de Yin (1990) parece ser a mais adequada:

O estudo de caso é uma forma de se fazer pesquisa social empírica ao investigar-se um fenômeno atual dentro de seu contexto de vida-real, onde as fronteiras entre o fenômeno e o contexto não são claramente definidas e na situação em que múltiplas fontes de evidências são usadas.

Como trabalho em redes diferentes de ensino (Estadual e Municipal), comecei a observar os 1º anos das duas escolas, pois as turmas, de ambas as

escolas, ficam ao lado da minha. Identifiquei as escolas como escola A e escola B.

Na escola A, a professora faz malabarismo para que sua sala fique um pouco parecida com uma sala lúdica. Até este ano, os brinquedos que tinham eram sucatas ou brinquedos doados por suas colegas. A instituição não privilegiava o trabalho dos menores, sem contar que essas professoras precisam alfabetizar seus alunos com apenas seis anos de idade com um método X. A escola A aos poucos está conseguindo introduzir brinquedos em sua sala.

Percebi então que na escola A, as crianças haviam se transformados em alunos e precisavam deixar a fantasia e o lúdico para assumirem outro papel.

Pensei então na quebra que a entrada da criança no Ensino Fundamental faz com a criança de Educação Infantil, onde o mobiliário é adequado à idade das crianças e a sala, onde o trabalho é feito em grupo, os materiais são de uso comum e as decisões são tomadas em conjunto, onde a brincadeira e o lúdico estão presentes na construção da aprendizagem das crianças.

Onde estava o espaço para a socialização, para a interação e para a troca de experiências? Estas questões permeiam esse trabalho de conclusão. Parece até que os alunos da Educação Infantil, quando passam para a 1ª série, deixam de ser crianças e não há mais a necessidade de brincar. O que muda de uma série para outra, porque não podem mais brincar neste espaço escolar (escola A)?

Tudo isso me deixou incomodada, principalmente ao ouvir uma vice-diretora dizer que as crianças fazem muito barulho. E estas crianças não tinham passado pela Educação Infantil, já que na escola a criança só ingressa no 1º ano. Muitos deles nunca frequentaram uma escola antes.

1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Grande parte da vida de uma criança é dedicada ao brincar e para muitos autores essa é uma atividade que faz parte do mundo das crianças.

O brinquedo acontece em todo o lugar, em casa, na escola, nas praças, e qualquer objeto pode ser uma possibilidade de brinquedo. A criança apresenta diferentes formas de brincar com um pedaço de pau, ferro, folha, algo que produza som; qualquer objeto pode se tornar um mundo de faz de conta, onde ela cria suas fantasias e imaginações, representando ali, muitas vezes as atitudes dos adultos, criando e resolvendo conflitos.

A brincadeira é uma atividade significativa e ao mesmo tempo flexível, onde a criança a faz conforme seus desejos. O brincar faz com que a criança interaja com tudo que está à sua volta, construindo assim noções e conceitos.

O brincar possibilita um universo de descobertas, soluções, conflitos e leva a criança a desenvolver suas próprias capacidades de imaginação.

Observando um aluno brincando na pracinha com um boneco chamado Avatar, percebi o quanto a criança usa a imaginação. O menino dava vida ao boneco. Usou a areia como se fosse um grande mar. O boneco atravessou esse mar, passou por vários obstáculos como andar pelas paredes, pular sobre a casinha, caminhar sobre gangorras e finalmente alcançar seu objetivo que era salvar seu colega Ben 10, que estava se afogando na areia.

Este brincar, fez com que o menino descobrisse possibilidades e soluções, levando assim a desenvolver sua própria capacidade e imaginação.

O brincar é um espaço de construção e desconstrução, de transformação espontânea da realidade conforme seus desejos. Brincar

também é apropriar-se da cultura na qual se está inserida, pois através das representações infantis, a criança projeta-se no mundo do adulto e utiliza-se desse elemento da realidade, assimilando assim elementos culturais.

Brincar é nossa primeira forma de cultura. A cultura é algo que pertence a todos e que nos faz participar de ideais e objetivos comuns. A cultura é o jeito das pessoas conviverem, se expressarem, é o modo como as crianças brincam, como os adultos vivem, trabalham, fazem arte. Mesmo sem estar brincando com o que denominamos "brinquedo", a criança brinca com sua cultura (MACHADO, 1994, p.22).

Brougere, em seu livro Brinquedo e Cultura, diz que o brinquedo é dotado de forte valor cultural, por ser rico de significados que permitem compreender determinada sociedade e cultura:

[...] o brinquedo é dotado de um forte valor cultural, se definirmos a cultura como o conjunto de significações produzidas pelo homem. Percebemos como ele é rico de significados que permitem compreender determinada sociedade e cultura (BROUGERE, 1995, p.8).

Além dessa dimensão cultural e da maneira de ser, de conviver, de se relacionar com os outros, o brinquedo faz com que a criança se sinta livre.

Quando a criança está brincando, ela não tem nenhuma obrigação com o tempo. Porque no brinquedo ela é espontânea, sem objetivos pré-estabelecidos, é simplesmente brincar e brincar. É dessa forma que o brinquedo dá a criança a chance de experimentar a autonomia perante o mundo, seu espaço de liberdade como queria o filósofo Walter Benjamin.

Mas ao mesmo tempo em que a criança perde seu espaço nas ruas, nos campos, nos terrenos baldios, a escola se torna o lugar onde ela permanece por mais tempo.

Viver dentro da escola pode ter uma dimensão poética, quando essa vida acontece de maneira plena, num contexto econômico e sociocultural acolhedor. Na medida em que cresce dentro de um espaço de atividades com sentido e significado, a criança e o jovem constituem-se como pessoas satisfeitas e de bem com a vida (REDIN, 2002, p.70). Para Redin (2002), o espaço da escola, na vida Viver dentro da escola pode ter uma dimensão poética, quando essa vida acontece de maneira plena, num contexto econômico e sociocultural acolhedor.

Mas será que a escola está oportunizando o lúdico para as crianças?

No espaço escolar é que se deve oportunizar o desenvolvimento integral da criança, fazendo com que o estímulo seja ativo e prazeroso. Mas seria a escola, um dos lugares privilegiados para a criança poder aprender a brincar?

O espaço lúdico é um problema que precisa ser repensado na escola para que possamos construir uma educação de qualidade e significativa.

Vygotsky (apud REGO, 2001), considera o brincar uma importante fonte de promoção de desenvolvimento. Enquanto a criança brinca, ela interage com os objetos e com os outros, constrói relações e adquire conhecimento do mundo em que vive, desenvolvendo assim a linguagem, favorecendo o desenvolvimento de funções psicológicas e busca atitudes mais autônomas. Para Vygotsky (apud ALMEIDA, 2002), "numa visão sócio-histórica, a brincadeira é uma atividade específica da infância, onde a criança recria a realidade, utilizando sistemas simbólicos. Essa é uma atividade com contexto cultural e social".

A criança na Educação Infantil está inserida num ambiente coletivo social que faz parte de uma cultura. É através do brincar que a criança se apropria dessa cultura, dá sentido ao mundo e participa da história.

Oliveira (2002), refletindo sobre o papel da Educação Infantil, aborda em seu livro a importância do coletivo, da responsabilidade de nossas ações, de se formar atitudes de solidariedade, aceitando assim o outro com suas diferenças. A autora considera que, na escola, o professor deve priorizar o coletivo, as atitudes de cortesia, o respeito ao outro, buscando assim uma sociedade mais igualitária. A brincadeira, para ela, favorece o equilíbrio afetivo da criança.

Para outros autores como Brougère e Kishimoto, as crianças precisam aprender a brincar e por isso falam de uma cultura lúdica. A cultura lúdica é simbólica e suporte de representações para histórias, sejam elas específicas ou retiradas de outros suportes como livros, filmes, desenhos animados. “Essa cultura lúdica irá construir uma bagagem cultural para a criança e se incorporar de modo dinâmico à cultura, a capacidade de criação do futuro adulto” (BROUGÈRE, 1995, p.52).

Portanto, para que a criança aprenda a brincar, criar e se desenvolver ativamente, ser autônoma, ela precisa vivenciar uma cultura lúdica.

As brincadeiras são essenciais na Educação Infantil, desde que elas sejam elaboradas sem cobranças. O espaço e o tempo na Educação Infantil devem ser estimulantes, fazendo com que a criança goste de estar na escola e isso ajudará na aprendizagem. Esta preocupação deveria constar em todas as séries do Ensino Fundamental, diminuindo assim a evasão escolar.

Muitas vezes os adultos usam a brincadeira como um passatempo, mas para a criança brincar é uma questão de sobrevivência. É a única ferramenta que ela possui para compreender o mundo e interferir na vida. Brincando, a criança desenvolve o corpo e os seus ritmos. O relacionamento com as pessoas e os seus limites, a imaginação e o pensamento poético. Alimentado cotidianamente pela brincadeira, o pensamento poético da criança encontra soluções inovadoras para velhos desafios, relaciona e mistura coisas de fontes diversas, sacode as dificuldades com humor e irreverência (ANDRADE apud NICOLAU, 2003 p.41).

Outra função do brincar é que, ao mesmo tempo em que a criança está brincando, ela está aprendendo, adquirindo algum conhecimento.

[...] Mesmo sem a intenção de aprender, quem brinca aprende, até porque se aprende a brincar. Como construção social, a brincadeira é atravessada pela aprendizagem, uma vez que os brinquedos e o ato de brincar, a um só tempo, conta a história da humanidade e dela participam diretamente, sendo algo aprendido, e não uma disposição inata do ser humano (FORTUNA, Pátio, dez 2003).

Para Brougère (1998), a primeira relação da criança com a aprendizagem é que a criança aprende a brincar. Kishimoto (2002), no livro "Jogo, brinquedo, brincadeira e educação", diz que:

O brinquedo educativo tem uma função lúdica através da qual proporciona à criança, a diversão, o prazer e desprazer, quando o brinquedo é escolhido voluntariamente pela criança. O brinquedo permite a ela ampliar sua capacidade de criar, imaginar, fazer de conta, construir e desconstruir conceitos e ainda, possibilita medir, testar, experimentar. É através destas capacidades que a aprendizagem acontece.

Por isso, Vygotsky diz que a brincadeira em si já é uma situação de aprendizagem que leva ao desenvolvimento. O jogo e a brincadeira são por si só, uma situação de aprendizagem. As regras e a imaginação favorecem a criança; comportamento além dos habituais. Nos jogos ou brincadeiras, a criança age como se fosse maior do que a realidade e isso, inegavelmente, contribui de forma intensa e especial para o seu desenvolvimento (QUEIROZ, 2002, p.6-7).

Brincar é uma atividade dotada de significado e necessita de aprendizagem, portanto, desde que nasce, a criança aprende a brincar com seu próprio corpo, com a mãe e aos poucos se insere no jogo. O jogo é o lugar

da cultura lúdica. “A cultura lúdica é antes de tudo um conjunto de procedimentos que permite tornar o jogo possível” (BROUGÉRE, p. 24).

A criança constrói essa cultura lúdica brincando, através das experiências que vai adquirindo e acumulando durante o jogo e a brincadeira, É influenciada pela cultura geral, pelos pais, pela escola, pela comunidade, de acordo com o ambiente que está inserida e de acordo com as regras estabelecidas no próprio jogo.

A mídia também influencia a criança. A televisão oferece chuvas de informações e produtos, transformando desenhos infantis em objetos comercializados, levando a criança ao consumismo.

Perrot (apud, KISHIMOTO, 1998), diz que a criança, através da leitura e do faz de conta, amplia a construção de enredos, personagens da sua imaginação que fazem parte do seu brincar. Ele está falando de uma cultura que está presente na literatura e que é explorada pela mídia.

Forquin (1996) e Apple (1982, 1979) ressaltam que a escola dispõe de uma cultura própria, resultado de ideologias que refletem valores da sociedade. Portanto, investigar valores que orientam a escolha de brinquedos e materiais pedagógicos implica buscar raízes que explicam os usos e significações na prática pedagógica. Concepção de criança e da Educação Infantil estão na base desses valores.

No contexto atual da Educação Infantil, os brinquedos tem dois usos com significações distintas: educadores que valorizam a socialização e adotam o brincar livre e os que visam a escolarização ou aquisição de conteúdos escolares, o brincar dirigido e jogos educativos. Mas também tem os que adotam os dois usos, mas dando ênfase para um deles.

Brincar como ação lúdica pela criança tendo motivação intrínseca (BROUGÉRE,1995a ,1995b, KISHIMOTO,1996).

1.1 O PAPEL DO BRINCAR NA CULTURA CONTEMPORÂNEA

Brincar é a forma de expressão das crianças.

A especialista Cyrce Andrade afirma que esta atividade tem um papel fundamental para o desenvolvimento dos pequenos e proporciona aprendizagens (Revista Nova Escola, edição especial, Hora de brincar, set. 2010, p. 8 e 9). A fonoaudióloga em seu trabalho percebeu que eram grandes as preocupações com saúde, alimentação, mas não tocavam no que se refere a brincar. Não fazia sentido se o que a garotada mais gosta de fazer é se envolver em jogos e brincadeiras e essa é uma forma de representar e conhecer o mundo.

Brincar é algo que se ensina?

Sim, é uma aprendizagem social. Quando um bebê bate uma mão na outra, trata-se de um gesto casual. Mas se alguém repetir movimento, da intencionalidade lúdica e aí sim, ele se transforma em brincadeira. É necessário estabelecer relação com o outro. Mas, não é só o adulto que ensina. Crianças convivem entre si e trocam experiências entre si.

De acordo com Andrade, os brinquedos eletrônicos e artesanais devem andar juntos, porque eles se somam. No dia do brinquedo (de casa), um aluno trouxe um soldadinho que andava e saltava. Ele disse que enquanto observava o seu brinquedo, lembrava do seu avô que era soldado e sempre lhe contava histórias. É interessante refletir sobre o fato de que não temos como saber o que passa na cabeça de uma criança quando brinca. E não há brinquedo eletrônico que prenda a atenção porque é eletrônico. Ele tem que ser interessante.

Como resgatar as brincadeiras tradicionais de rua, como amarelinha e pega-pega?

Andrade diz que a escola tem de se apropriar delas, porque é um dos únicos lugares que hoje oferecem os pré-requisitos para que ocorra: espaço livre e gente reunida. Outro motivo é que elas promovem a integração social. O problema é que qualquer jogo para entrar na escola, precisa ter um objetivo didático.

Funciona usar brinquedo para ensinar?

Segundo Andrade é possível ensinar usando brinquedos. Aprender é tão interessante quanto brincar. Os educadores precisam compreender que criança gosta de aprender e se dedica ao desafio. Basta saber como conduzi-lo.

Observando meus alunos, brincando com blocos lógicos, vi que eles nunca constroem coisas simples, tentam montagens mirabolantes e que caem várias vezes, até dar certo.

É importante na Educação Infantil ensinar a perder. Andrade afirma que crianças pequenas não sabem o valor de perder ou ganhar bem definidos, isso tem de ser trabalhados, mas nunca valorizando o ganhador e ironizando o perdedor.

Brincar tem de ser divertido e, mais que aprender a perder, é importante saber que brincar é gostoso. Geralmente jogos cooperativos são muito valorizados nas escolas, todos ganham ou perdem e perder em grupo é menos dolorido. Em relação a isso, fizemos na escola uma gincana. Como os meus eram os menores, quase sempre perdiam e nem se davam conta disto. Mas quando ganhavam, ficavam muito alegres. Realmente, quando a brincadeira é coletiva, eles não sofrem tanto e se divertem bastante.

Quem disse que, quando vencem, as crianças não começam a procurar quem fez a jogada que colaborou com a vitória? O válido em ter jogos desse tipo é proporcionar o contato com a diversidade de regras. Aprender a cooperar é fundamental, mas os tabuleiros não têm o poder de ensinar isso.

Porque temos certeza que brincar é importante?

Nós educadores da Educação Infantil devemos nos inquietar diante disso.

No fim do século 19, o psicólogo e filósofo francês Henri Wallon (1879-1962), o biólogo suíço Jean Piaget (1896-1980) e o psicólogo Vygotsky (1896-1934), buscavam compreender como os pequenos se relacionavam com o mundo e como produziam cultura. Investigando essa faceta do universo infantil, eles concluíram que, boa parte da comunicação das crianças com o ambiente, se dava por meio da brincadeira e que é dessa maneira que elas se expressam culturalmente.

Wallon foi o primeiro a quebrar os paradigmas da época ao dizer que a aprendizagem não depende apenas do ensino de conteúdos para que ela ocorra, são necessários afeto e movimento também. Ele afirma que devemos ficar atentos aos interesses dos pequenos e deixá-los se deslocar livremente para que façam descobertas. Isso significa introduzir na rotina atividades diversificadas, como jogos. Wallon pontuou que a diversão deve ter fins em si mesma, possibilitando às crianças o despertar de capacidades, como a articulação com os colegas, sem preocupações didáticas.

Já Piaget, focado no que os pequenos pensam sobre o tempo, espaço e movimento, estudou como diferem as características do brincar de acordo com as faixas etárias. Ele descobriu que, enquanto os menores fazem descobertas com experimentações e atividades repetitivas, os maiores lidam com o desafio de compreender o outro e traçar regras comuns para as brincadeiras.

Ao jogar, um comportamento que atravessa séculos, a criança descobre que ganhar e perder faz parte da vida e desenvolve estratégias para enfrentar várias situações e os adversários. Crianças e adultos jogam e obedecem regras, se divertem, passam o tempo, desafiam uns aos outros. Levando em conta essas características de comportamento e cultura, quando

se transforma em espaço de jogo, a escola possibilita a construção de saberes. O desafio de uma partida proporciona a elaboração e exploração de questões relacionadas à sociabilidade (que se dá por intermédio das regras) e ao desenvolvimento de estratégias.

Ensinado as crianças da educação infantil o jogo da memória, percebi que eles, quando aprendem as regras, costumam cobrar de seus colegas mas não gostam delas quando é a sua vez de jogar. Isso os fazem interagir e aprender que as regras são para todos. O importante é que a criança goste de brincar. Graças ao jogo de regras, aprendemos a tomar decisões, planejar, desenvolver, fazer algo que valha a pena do começo ao fim. É um jogo que permite a compreensão, pois, por meio dele, as crianças podem dizer ou representar a seu modo o que pensam e sentem sobre aquilo que fazem. Jogar, nesse sentido, é uma das condições para aprender. O melhor de tudo é que elas fazem com gosto intensamente.

É com e por meio do outro que os pequenos aprendem a argumentar, tomar decisões, compartilhar experiências, observar e coordenar pontos de vista. Além desses procedimentos tão importantes, aprendem também a concluir, esperar se encontrar, ganhar e perder em função do conhecer.

Seguindo essa linha de pensamento é importante compreender que vida e conhecimento não são jogos, mas que as formas de viver e conhecer são. Quando o tornar-se lúdico é mediado pelo lúdico, o amor ao conhecimento e as pessoas encontra realização e sentido.

2 O BRINCAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Com o objetivo de ampliar este estudo iniciei uma análise das escolas pesquisadas. A Escola Estadual de Ensino Médio Professora Helena Câmara, situada no bairro Cohab Duque, rua Nereu Ramos nº 500, denominada no decorrer do trabalho como escola A, e na Escola Municipal de Ensino Fundamental Senador Salgado Filho, situada na rua Bom Jesus, bairro Santo André, nº 60, denominada escola B, ambas na cidade de São Leopoldo.

Na escola A, não temos a Educação Infantil, mas temos os 1ºs anos e é sobre isto que vamos analisar. Já na escola B, temos desde 2003 a Educação Infantil. Em ambas as escolas a equipe diretiva é escolhida pelo voto de professores, funcionários, alunos e pais.

O projeto político pedagógico foi elaborado em conjunto com os professores, supervisão e direção, em ambas as escolas. A única diferença é em relação à Educação Infantil e os primeiros anos.

Na escola A, os professores precisam se preocupar com a alfabetização e o lúdico fica um pouco de lado. Nesta escola, a criança tem meia hora diária para brincar livremente no pátio ou atividades dirigidas. As professoras precisam se preocupar em alfabetizar esses alunos. Enquanto que, na escola B, os alunos dos primeiros anos tem diariamente 45 minutos de atividades livres no pátio. As professoras que atuam nos primeiros anos são as professoras que trabalharam durante muito tempo com a Educação Infantil e sabem da importância do brincar. Nesta escola a prioridade não é a alfabetização. Mas alguns alunos se alfabetizam brincando.

Outra questão é que nós educadores da Educação infantil, temos um sábado por mês de formação.

Enfim, o brincar na Educação Infantil é construir um mundo significativo, coletivo, a partir de vivências e explorações que são

desenvolvidas através dos brinquedos e dos espaços que tem para desenvolver essas atividades, é construir uma aprendizagem que tem como base fundamental o lúdico e a participação efetiva dos elementos que dela participam.

2.1 O BRINCAR E A ALFABETIZAÇÃO

A entrada da criança na primeira série do Ensino Fundamental gera muitas expectativas por parte dos pais e também das crianças quanto a alfabetização. Os pais esperam que seus filhos logo comecem a ler. Os objetivos do professor agora são outros, a preocupação dele agora está na leitura e na escrita.

Sendo a primeira série a primeira etapa do Ensino Fundamental, a LDB diz em seu artigo 32:

O ensino fundamental, com duração mínima de oito anos, obrigatório e gratuito na escola pública, terá por objetivo a formação básica do cidadão, mediante:

I - o desenvolvimento da capacidade de aprender tendo como meios básicos o pleno domínio da leitura, da escrita e do cálculo;

II - a compreensão do ambiente natural e social, do sistema político, da tecnologia, das artes e dos valores em que se fundamenta a sociedade;

III - o desenvolvimento da capacidade de aprendizagem, tendo em vista a aquisição de conhecimentos e habilidades e a formação de atitudes e valores;

IV - o fortalecimento dos vínculos de família, dos laços de solidariedade humana e de tolerância recíproca em que se assenta a vida social.

O início da escolarização da criança no Ensino Fundamental é marcado por várias mudanças que muitas vezes provocam cortes ou rupturas no trabalho que é realizado na Educação Infantil. Desde a organização da sala de aula, classes individualizadas, mobiliário que não está de acordo com o tamanho das crianças (isto é bem visto na escola A), mas o processo de alfabetização é a coisa mais marcante nesta mudança na vida da criança. Mas é importante que se faça uma continuação do trabalho anterior para que não haja uma ruptura, pois as mudanças devem acontecer, são necessárias, afinal de contas está ocorrendo uma mudança de uma série para outra.

Cuberes (1997) comenta esta passagem, defendendo a idéia de que as crianças percebem as diferenças entre a Educação Infantil e o Ensino Fundamental, mas que essa transição seja um marco simbólico, uma passagem.

Parece-me que do ponto de vista simbólico, é importante que meninos e meninas percebam que existe um trânsito, uma passagem entre a educação inicial e o ensino fundamental e que possam ter esta vivência dessa mutação, de caráter quase iniciativo. Uma mudança de lugar, de indumentária, de colegas, de professores, de horários, de hábitos ajuda a criança a compreender que se trata de uma nova etapa, com maior relevância das aquisições relacionadas com a aprendizagem, e as expectativas nela. Além do caráter simbólico, existe uma realidade nova a ser experimentada nessa primeira etapa.

Na primeira série o brincar é bastante reduzido e o tempo se restringe ao recreio e à Educação Física. Na escola A, numa conversa com as professoras, elas me colocaram que aqueles 30 minutos que as crianças tem para brincar livremente no dia são vistos pela escola como uma perda de tempo e uma hora de muito barulho. Como a sala não tem muito espaço elas precisam desse momento. Já na escola B o tempo é bem maior e a preocupação com a alfabetização fica em segundo plano.

Numa conversa informal com as professoras, elas alegam que o tempo é muito limitado e que elas precisam alfabetizar (escola A) e quando fazem uso de brinquedos e brincadeiras, só tem a intenção de objetivos determinados a leitura e a escrita.

O que mais me deixa triste é vê-los em salas onde o mobiliário não tem nada a ver com o seu tamanho. Professoras, mesmo formadas em Pedagogia, não lutarem para que essa situação reverta (escola A).Lembro-me muito bem de uma discussão entre duas professoras que desejavam pegar os primeiros anos na escola. Venceram as pedagogas, pois se acreditava que elas estariam mais preparadas para assumir este papel.

Já na escola B, a preocupação com a alfabetização vem juntamente com o brincar, com o lúdico, onde a criança possa conquistar o seu espaço sem rupturas da Educação Infantil.

Este é meu primeiro ano com Educação Infantil. Estou engatinhando e aprendendo cada vez mais sobre a importância do brincar nesta etapa e que deveria se estender mais. O que muda de uma escola para a outra, se todos lidam com crianças? Essa reflexão se fez presente no meu cotidiano de trabalho. Essa ruptura entre a Educação Infantil e o Primeiro Ano é nítida quando vemos a preocupação com a alfabetização. Na Educação Infantil o trabalho é feito em grupo, o material é de uso coletivo, no entanto, fiquei preocupada quando presenciei uma professora dizer para um aluno: “Porque não trouxe o teu material, teu colega não tem a obrigação de te emprestar”. Onde está o ensino coletivo da Educação Infantil?

Percebi também que as crianças recebem muitos trabalhos mimeografados (xerox),o que não leva a criança a elaborar sua própria aprendizagem. Mas me reportei aos planos de estudos dessas professoras. (Escolas A e B).

Nos planos de estudos das professoras da primeira série, o objetivo geral é: ”desenvolver no aluno, capacidades de ordem cognitiva, afetiva e seu

senso crítico, valorizando seu contexto sócio-cultural, suas vivências e suas relações interpessoais, inserção social e ética, tendo em vista uma formação ampla” (PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO, 2003, p.73). Na listagem de conteúdos são citados vários jogos e brincadeiras. Entretanto, a realidade vem se mostrando completamente diferente.

No plano anual, cada professora faz o seu (escola B). Já na escola B é o mesmo para todas, pois o fazem em conjunto e precisam seguir o programa de alfabetização (GEMPA). Percebe-se que em ambos os planos o foco principal é a alfabetização. Perguntei então para as professoras qual era a sua prioridade. Na escola A me disseram: “Precisamos acima de tudo alfabetizar aqueles que não vieram alfabetizados do primeiro ano”. Pois, no estado, os alunos devem ser alfabetizados já no primeiro ano.

Na escola B, não foi diferente: “Precisamos alfabetizar nossos alunos”. Com uma das professoras, encontramos o seguinte objetivo geral:

A primeira série pretende possibilitar o contato com o meio escrito, o acesso aos saberes lingüísticos necessários para o exercício da cidadania, bem como alcançar a participação plena do mundo letrado possibilitando a apropriação do conhecimento e a socialização do saber (PLANO DE TRABALHO ANUAL DO PROFESSOR, 2004).

Outra professora diz o seguinte:

Meu objetivo geral é: ampliar este processo de leitura do mundo que chamamos de alfabetização, proporcionando ao leitor iniciante recursos eficazes com a aquisição da linguagem escrita e a habilidade de leitura da palavra gráfica, dotados destes recursos, estimular a interferência deste leitor no mundo (PLANO DE TRABALHO DO PROFESSOR, 2004).

Em todas as conversas as professoras foram unânimes em dizer que a criança deve ter espaço para brincar na escola, mas em qualquer série, desde a Educação Infantil, pois a brincadeira desenvolve a socialização, regras, criatividade, é necessário e, também, porque através do ato de brincar a criança constrói e reconstrói seu próprio universo, desenvolve sua concepção e esses elementos são importantíssimos para a aprendizagem.

Fiz a elas alguns questionamentos quanto à Educação Infantil, quanto às mudanças que agora ocorridas em relação as primeiras séries. Disseram que na Educação Infantil precisamos de mais tempo para brincar do que nas primeiras séries. Outra respondeu que na primeira série eles precisam primeiro aprender a ler e a escrever, depois terão tempo para brincar. Porque é isso que esperam delas e de suas turmas. Muitas das professoras esqueceram de ensinar a ler e escrever brincando.

Quanto ao papel do brincar na alfabetização, elas responderam que é fundamental. Quando trabalham com jogos e músicas, teatro e outras brincadeiras que envolvam a alfabetização. Questionamos então sobre seu planejamento. Em quais momentos a aula é dedicada ao brincar. Elas respondem que as brincadeiras estão vinculadas aos conteúdos. Então perguntei, em que momento a brincadeira livre fazia parte da aula? Responderam que deixam para o final da aula. Aqueles que terminam as atividades podem brincar, enquanto quem não terminou as atividades, fica sentado fazendo.

A grande diferença dessa passagem da Educação Infantil para a primeira série é que agora eles deixam de brincar livremente, de escolher os jogos que querem brincar. Tudo é escolhido pela professora. As falas das crianças revelam que elas sentem saudades da Educação infantil. Que brincam, mas é diferente.

Uma das diferenças é que antes podiam brincar na pracinha. Hoje a pracinha é restrita aos primeiros anos e a Educação Infantil. A primeira série (segundo ano) não pode mais usar. O que aconteceu? Eles não são mais

considerados crianças? Quando estou com meus alunos na pracinha (escola A), os da primeira série ficam na tela observando e provavelmente se perguntam: “Porque não podemos mais ter o direito de brincar aí? O que somos senão somos adultos, nem crianças?” Fico muito chateada com esta situação e questionei junto a direção da escola. Então me disseram: “se todos usarem a pracinha, teremos que reformar todos os anos. E não temos verbas para isso”. Então é isto, as crianças não podem brincar por falta de verbas. Um grande absurdo. Mas é a nossa realidade. Assim, a prioridade são os menores da escola.

Pedi que as professoras fizessem com seus alunos um desenho onde eles fariam o que sentiam falta na primeira série. A maioria desenhou a pracinha da escola. Outros desenharam a turma trabalhando em grupo. Então questionei sobre o porque do desenho. Um aluno disse: “ficamos um atrás do outro para não copiar do coleguinha. Tenho que fazer o que sei, recortar, colar, desenhar, pintar, escrever as letrinhas, tudo sozinho”. E aí, onde está o coletivo que tanto se trabalha na Educação Infantil?

Podemos observar pelos desenhos e falas das crianças, que o brincar tem grande valor para elas, embora escrever e ler também são importantes.

Os materiais usados na alfabetização são geralmente livros, folhinhas, lápis de escrever, lápis de cor, canetinhas, jogos criados pela professora, jogos didáticos pedagógicos prontos. O que ocasiona essa ruptura no trabalho iniciado na Educação infantil, como se a criança que foi promovida para a série seguinte, deixasse de ser criança. Parar de brincar é uma condição para crescer e não uma necessidade humana, independente da idade.

A escola então tem um papel importante em promover uma continuidade neste período de transição da criança. Isto não significa fazer as mesmas coisas do ano anterior, mas sim valorizar as experiências, vivências e aprendizagens da Educação Infantil como uma referência para a alfabetização.

3 BRINQUEDOS FEITOS POR NÓS

Neste mesmo ano (2010), com a minha turma de Educação Infantil, desenvolvi o mini projeto intitulado “Brinquedos feito por nós”.

As crianças demonstraram muito interesse na construção dos brinquedos. Como todos estavam envolvidos, começamos com uma pequena entrevista com os pais. Como e com o que seus filhos brincam e do que eles brincavam quando tinham a idade de seus filhos. As respostas das entrevistas vieram e fizemos um pequeno texto coletivo:

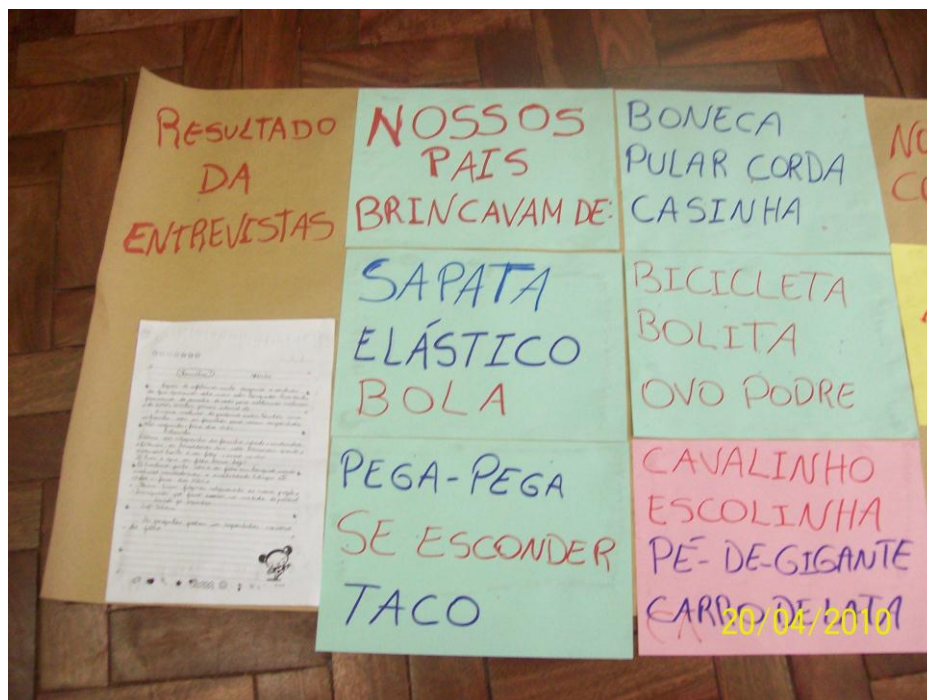


Foto 1: Cartaz coletivo:entrevista dos pais

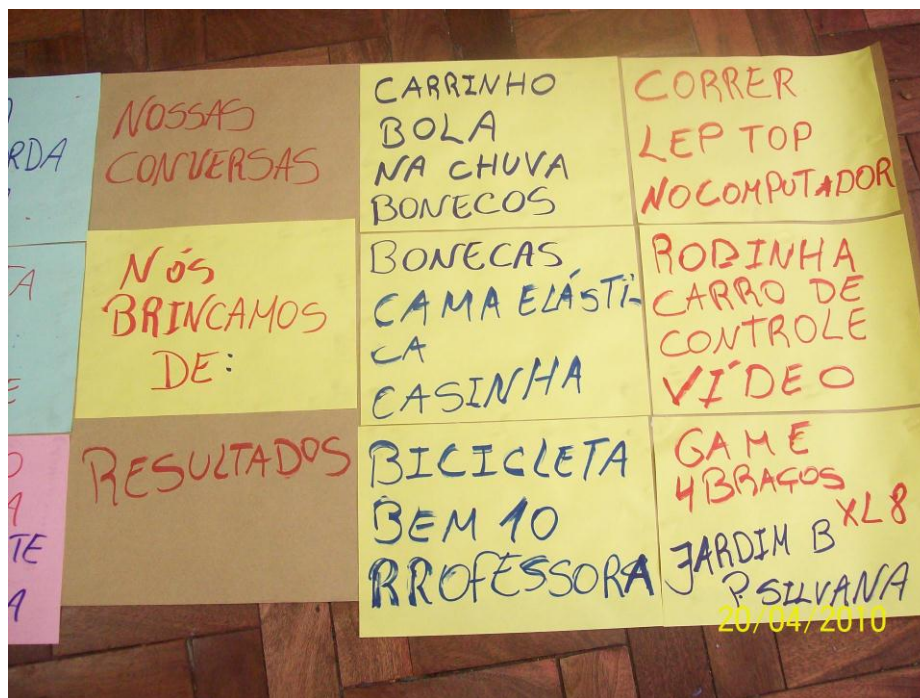


Foto 2: Cartaz coletivo: entrevista com os alunos

Fizemos uma comparação dos brinquedos dos pais e dos alunos.

Nas observações feitas durante o brincar, percebi que as crianças não tinham cuidado e zelo, alguns até destruíam. Procurei sempre lhes falar sobre os cuidados com os brinquedos da sala.

A maioria das crianças, apesar de serem de origem humilde e carente, não tem contato com materiais livres onde possam construir manualmente seus brinquedos. Então surgiu a idéia: “Que tal se nós fizéssemos os nossos brinquedos?” Naquele momento houve um silêncio e as crianças pararam por alguns instantes e disseram: “Vamos!” Alguém disse: “mas eu não sei!”. Então sugeri: “Quem sabe vai ensinar quem não sabe”. Todos concordaram. Como era semana indígena, sugeri que fizéssemos primeiro uma peteca. Cada um construiria a sua. Busquei junto a internet, tudo sobre a história da peteca e trabalhamos com eles. Fizemos nosso primeiro brinquedo e aprendemos a brincar. Introduzimos aí a cultura indígena e tudo mais.

Crianças com as petecas. Cada um recebeu o material necessário para confeccionar sua peteca.



Foto 3: Confeção do brinquedo peteca

A partir daí surgiu a vontade de construir outros brinquedos. No dia seguinte as crianças trouxeram alguns materiais. Organizamos os materiais nos grupos e cada grupo construiu o que pode. A professora auxiliava os grupos. Cada grupo então era responsável em mostrar ao grupo seu trabalho.

Surgiu então a idéia de engajar mais os pais no projeto. Pedimos que eles criassem com seu(a) filho(a) um brinquedo que todos pudessem brincar na escola. Os pais fizeram: vaivém; carrinhos, pé de lata, bonecas. Tudo com material reciclado.



Foto 4: Construção de carrinhos de sucata



Foto 5: Construindo avião de sucata

Os alunos nas quais os pais se envolveram, trouxeram o brinquedo e apresentaram para os colegas de classe. Nas falas das crianças, pudemos

evidenciar seus conhecimentos em relação a expressão corporal que nesta fase está tão presente nas brincadeiras infantis.

Concomitante, resolvemos construir uma boneca em conjunto com as famílias. Começamos mandando para casa de uma aluna seis bolas de isopor do mesmo tamanho e uma meia calça velha. Acompanhava também um diário dizendo: "hoje nasci na escola Salgado Filho e preciso que você me ajeite um pouco". Em cada casa ela recebia um adereço e ia ficando cada vez mais linda. Todos os dias tirávamos fotos do progresso do trabalho. Líamos o diário. As crianças esperavam afoitas a sua vez de levar a boneca para casa. Depois de ter passado por todas as casas, fizemos uma votação. Colocamos nome nela e a batizamos, com festa de batismo e tudo.



Foto 6: Boneca construída por todos

Também fizemos fantoches com a ajuda das mães.



Foto 7: Teatro de fantoches

Apresentação feita para as mães no seu dia. Os fantoches foram construídos por três mães. A construção dos fantoches, além da criatividade das mães, trouxeram uma alegria contagiante para as crianças. Até hoje eles brincam com eles. Criam enredos, ampliam o vocabulário e desenvolvem a livre expressão.

A criança através do fantoche é desafiada a brincar, a criar. Além de falar é também convidada a ouvir o que o outro tem a dizer. Aparecem diferentes personagens e falas. Surge a possibilidade de uma criança tímida entrar na brincadeira, a representar tendo a livre autonomia, a flexibilidade de mudar o roteiro conforme seus desejos. Foi o que aconteceu. Uma menina muito tímida pegou um fantoche e ficou atrás da mesa da professora. E todos dizendo: "fala!". Comecei então a fazer perguntas e ela respondia. E fazia gestos com o boneco. Foi a primeira vez que ouvimos a voz da menina. E já estávamos no mês de abril. Hoje ela conversa pouco, mas conversa.

Brincar com fantoches é primordial para desenvolver a linguagem, liberdade de expressão, da improvisação e organização de idéias.

A linguagem deve ser considerada como um recurso a ser desenvolvido pelas crianças, através da fala, ela passa a compreender o mundo que a cerca, passa a interpretar e significar novidades dando entrada no universo discursivo. Para obter-se uma maior compreensão dos entendimentos diferenciados que muitos professores elaboram sobre o brincar e a necessidade da alfabetização, se faz necessário trazer alguns argumentos sobre a infância e a escola, como apresento no capítulo a seguir

3.1 O SURGIMENTO DA INFÂNCIA E ESCOLA

Durante muito tempo, principalmente no século passado, as crianças eram tratadas como adultos em miniatura. Quando já não dependiam dos pais, elas passavam a ajudá-los nas atividades diárias, sendo educadas e cuidadas pela família.

[...] encontramos informações que na sociedade antiga, a duração da infância era reduzida a um espaço muito curto de tempo. Logo que a criança atingisse certo controle motor, misturava-se aos adultos e participava de seus trabalhos e jogos. Até o século XII, não eram representadas pela iconografia. Isso ocorria, porque na sociedade medieval o sentimento de infância não existia, o que não quer dizer que as crianças eram abandonadas ou desprezadas (ARIES apud VOLPATO, 2002).

Volpato (2002), fala que os jogos e divertimentos eram meios que a sociedade dispunha par estreitar laços coletivos e sentir-se unidos. O trabalho não tinha o valor que atribuímos a ele hoje. Não ocupava tanto tempo do dia. Os jovens e crianças participavam um papel reservado às tradições.

Com a Revolução Industrial, surgiu a necessidade da mão de obra feminina, devido a obrigatoriedade do serviço militar dos homens. Em resposta a essa situação, foram se organizando serviços de atendimento, coordenados por mulheres da comunidade, as crianças pequenas abandonadas por suas famílias ou cujos pais trabalhavam em fábricas, fundições e minas originadas da Revolução Industrial, que se implantava na Europa Ocidental (OLIVEIRA, 2002, p.60). Gradativamente foram surgindo instituições para cuidar de crianças. Segundo Oliveira (2002), não tinham uma proposta pedagógica, a preocupação maior era criar nas crianças bons hábitos de comportamento, regras morais e religiosas.

O básico, todavia, para os filhos dos operários era o ensino da obediência, da moralidade, da devoção e do valor do trabalho, sendo comuns propostas de atividades realizadas em grandes turmas, muitas delas com cerca de 200 crianças (OLIVEIRA, 2002, p. 61). Na idade média, com o crescimento da urbanização e o desenvolvimento científico, a escolaridade passa a ser discutida.

A discussão sobre a escolaridade obrigatória se intensificou em vários países europeus nos séculos XVIII e XIX e enfatizou a importância da educação para o desenvolvimento social. Nesse momento, a criança passou a ser o centro de interesse educativo: começou a ser vista como sujeito de necessidades e objetos de expectativas e cuidados. Situada em um período de preparação para o ingresso no mundo dos adultos, o que tornava a escola (pelo menos para os que podiam frequentá-la) um instrumento fundamental (OLIVEIRA,2002, p. 62).

Sarmiento é outro teórico que fala em suas pesquisas sobre a infância. Para o autor a ideia de infância é uma ideia moderna porque:

[...] durante parte da idade média, as crianças foram consideradas como meros seres biológicos, sem estatuto social nem autonomia existencial. Apêndices do gineceu, pertenciam ao universo feminino, junto de quem permaneciam, até terem capacidade de trabalho, de

participação na guerra ou de reprodução, isto é, até serem integrados na fase adulta precocemente (SAR MENTO, s d, p.3).

Segundo o autor, nem sempre houve a infância como categoria social de estatuto próprio. A infância começou a surgir a partir do renascimento, onde através de um processo complexo de representações sobre crianças, da estruturação de seu cotidiano,s e construiu historicamente a infância e sua organização.

Hoje encontramos múltiplos e diferentes espaços de ocupação do tempo das crianças. Ampliou-se significativamente o mercado de produtos para a infância, produtos que incentivam o consumo como produtos eletrônicos, moda infantil, desenhos, filmes, entre outros que influenciam diretamente a cultura da infância.

Sarmento diz ainda que a infância está passando por mudanças, onde há duas imagens de infância que exprimem um paradoxo da condição social da criança: a criança que tem afeto, carinho, é desejada, amada, sonhadora, depositária de um futuro e a criança que é deixada em instituições, abandonadas pelas famílias, vítimas de maus tratos, comprada ou seduzida. Para o autor, brincar na cultura contemporânea é um legado.

A escola sendo um espaço de formação deve contribuir nesta construção de infância, buscando através de suas ações pedagógicas promover a ampliação da cultura infantil. Essa ampliação se dá através de jogos, brincadeiras e ações que valorizam a criança. E que a criança através do brincar constrói seu próprio mundo de significações e conhecimento.

[...] brincar como desafio deste novo século em relação ao uso do tempo livre, como possibilidade criativa, como instrumento de inserção em uma sociedade regrada, com possibilidade de conviver com outros, de se colocar no lugar do outro, de ganhar, de liderar e ser conduzido de falar e ouvir (FRIEDMANN, PÁTIO, 2003, p. 14).

Todas as tardes, na escola onde trabalho atualmente, meus alunos da Educação Infantil usam desse tempo livre para brincar. É realmente um desafio, pois estamos sempre correndo atrás do tempo. Mas é preciso parar e deixá-los livres para criar suas próprias brincadeiras.

Através de uma proposta pedagógica, a escola deve organizar condições para que as crianças interajam, construam significações do mundo que está inserida, desenvolvendo formas mais complexas de agir, sentir, pensar e solucionar problemas na busca de sua autonomia. O professor deve: proporcionar aos alunos atividades lúdicas através de brincadeiras, jogos e atividades recreativas, onde elas possam dominar suas angústias e controlar seus impulsos, assimilando sensações e emoções. Favorecer os processos de construção da identidade e da autonomia, no que diz respeito a formação pessoal e social (objetivos do plano de estudos da Educação da E.M.E.F. Senador Salgado Filho de acordo com os PCNS).

O papel do professor é o de garantir que, no contexto escolar, a aprendizagem seja contínua e desenvolvida em si mesma e inclua fatores além dos puramente intelectuais. O emocional, o social, o físico, o estético, o ético e o moral se combinam com o intelectual para incorporar um conceito abrangente de "aprendizagem". Cada fator é interdependente e inter-relacionado para produzir uma pessoa racional, um pensamento divergente e capacidade de resolver problemas e questionar uma variedade infinita de situações e desempenho (MOYLES, 2002, p.44 e 45).

Para Moyles (2002), parte da tarefa do professor é proporcionar situações de brincar livre e dirigido que devem atender as necessidades de aprendizagem das crianças, e nesse papel o professor pode ser chamado de iniciador e mediador da aprendizagem.

Oliveira (2002) diz que o papel do professor é de observar, oferecer material, coordenar situações, acompanhar o andamento dos projetos e interagir com as crianças enquanto elas trabalham.

Alguns procedimentos fundamentais para o professor coordenar a criação de um ambiente organizado e tranquilo, compreender a movimentação das crianças, estabelecer limites e apresentar com clareza, justificar proibições, ajudar as crianças a fazer acordos, e lembrá-las desses acordos, quando necessário. Participar de jogos em que o professor explore com elas as regras pode desenvolver seu senso de justiça pela consciência de que uma norma vale para todos (OLIVEIRA, 2002, p. 221). O papel do professor é fundamental para o desenvolvimento dos seus alunos, é responsável pelo bom andamento das aulas, oferecendo conhecimento e desenvolvimento integral de suas crianças.

3.2 BRINCAR PRA QUÊ?

Porque as crianças precisam brincar? De acordo com Andrade, a criança durante o brincar se sente livre e na medida em que ela se apropria desse brincar, vai adquirindo pré-requisitos que promovem a integração da criança.

O brincar favorece a criança a compreensão de mundo.

Observando meus alunos brincando, percebo o quanto eles interagem uns com os outros. Por exemplo: na segunda-feira, eles trazem brinquedos de casa e, em um desses dias, o aluno Wagner disse para o Eduardo: “Hoje trouxe o Ben 10 para trocar contigo. Tu me dá o teu carrinho de Fórmula 1 e eu te dou o Ben 10. E podemos brincar juntos”. É essa relação que aproxima as crianças umas das outras, surgindo aí o coleguismo, a socialização.

Como Forquim (1996) e Apple (1982, 1979), ressaltam que as crianças são orientadas pelos professores que investigam valores que orientam a escolha de brinquedos, trazendo para eles esta socialização.

4 O QUE AS CRIANÇAS REVELAM DURANTE O BRINCAR?

Inicialmente busquei fazer um estudo sobre a importância do brincar na Educação Infantil, identificando o tempo e o espaço que o brinquedo tem neste currículo. Procurei buscar a importância do brincar no dia a dia das escolas e conhecê-las, assim como suas atitudes na vida das crianças. Conhecer como elas agem durante o brincar. Procurei ainda entender como as crianças da Educação Infantil representam essas brincadeiras e como elas utilizam esse espaço. Percebi que meus alunos não cuidam dos brinquedos, o que, como sabemos, é uma característica do comportamento infantil. Mesmo quando alertados pelos adultos sobre os cuidados que devemos ter com os nossos materiais.

No primeiro semestre de 2010, iniciei um projeto de estágio “Conhecendo o lúdico na sala de aula; a importância do brinquedo na vida da criança”, concomitante com outros subprojetos. Em um dos subprojetos estava o “Brinquedos feitos por nós”, onde juntamente com os alunos e nas conversas da hora da rodinha, foram surgindo idéias de brinquedos que pudessem ser construídos por nós.

Os pais foram entrevistados, respondendo quais eram seus brinquedos preferidos quando criança, e de que seus filhos brincam. Produzimos um texto coletivo onde constava o nome das brincadeiras dos pais e de seus filhos. Cada pai ficou responsável de construir junto com seu filho um brinquedo, brincar com ele e levar para a escola. Os pais construíram os brinquedos com sucatas e foi esplêndido ver estampado a felicidade das crianças com suas produções. A cada passo do projeto me surpreendia com a ajuda dos pais e o interesse dos alunos.

Então resolvi começar uma construção coletiva de uma boneca. Esta boneca teria um diário, que passaria por todos os alunos. Comecei a boneca, entregando para uma das mães seis bolas de isopor e o diário. No começo a mãe se assustou dizendo ser uma tarefa difícil. Difícil, mas não impossível. Ela concordou e levou para casa. No outro dia, recebemos as bola de isopor dentro

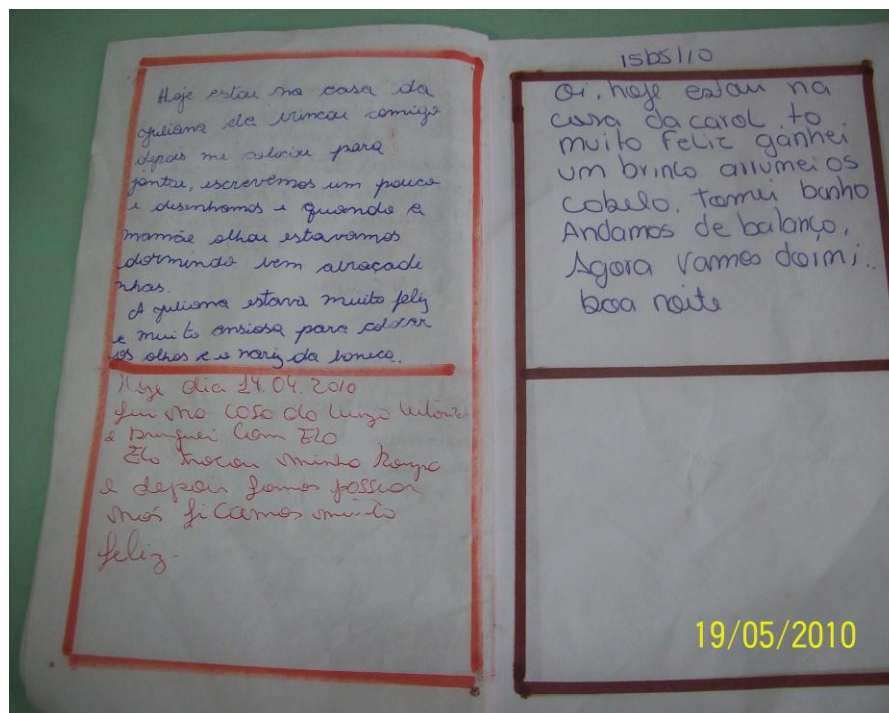
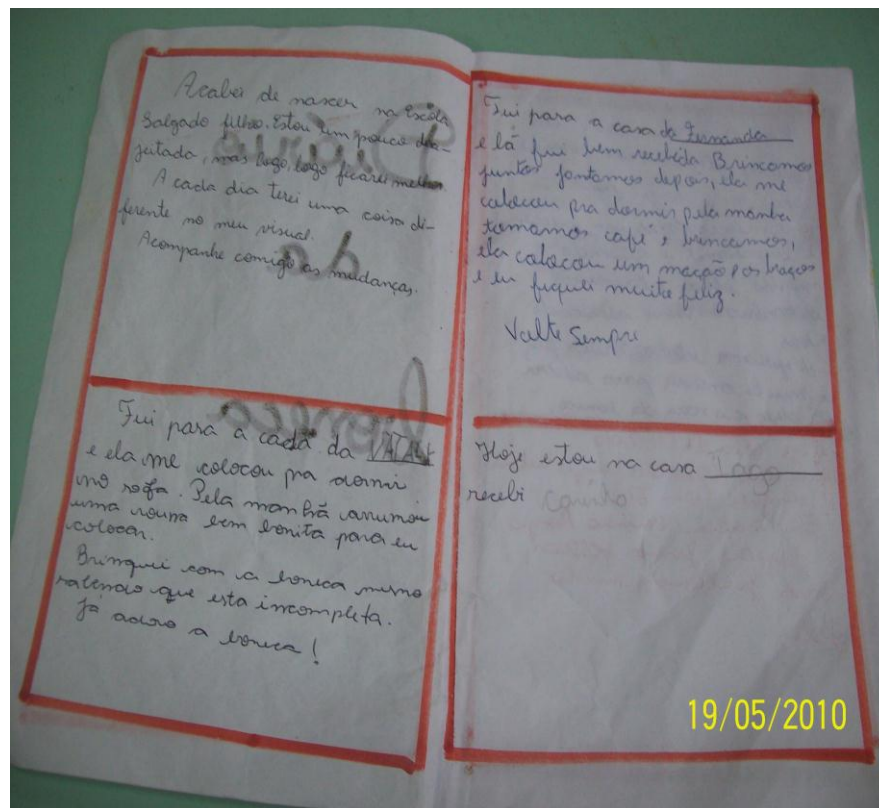
de uma meia calça. E no diário da boneca dizia: “Hoje estou nascendo na casa da Carolina. Estou meio desajeitada mas sei que vou melhorar”. Mostrei para as crianças, li o diário e tiramos uma foto do início da boneca com a menina. E assim a boneca passou de casa em casa, cada um colocava uma parte e ela ficou no final assim:



Foto 8: Batismo da boneca

Agora a boneca já estava pronta. Escolhemos um nome através do voto e a batizamos. O batismo foi feito por uma das mães que está fazendo pedagogia.

Quantos conceitos trabalhamos através da construção da boneca (cuidado, amor, trabalho em conjunto, o que significa batismo, e outros). Muitas mães relatavam no diário que a boneca dormia, olhava TV, fazia companhia para seus filhos.



Fotos 9 e 10: Diário da boneca

Durante as diversas brincadeiras em sala de aula, os meninos mostram que gostam mais de brincar de carrinhos e lutinhas, exceto um dos meninos. Já as meninas gostam de maquiagens, vestirem-se como adultas (roupas do varal das fantasias), fazerem desfiles de moda, de bonecas e de dramatizar cenas familiares. Tenho uma aluna que tem o espírito de liderança. Escolhe com quem brincará. O interessante que ela sempre fica num espaço onde ela apareça mais que os outros. E consegue manipular a todos.





Fotos 11, 12 e 13: Brinquedo livre na sala

5 CRIANÇAS MENORES DE 6 ANOS, APRENDIZAGEM DA LINGUAGEM ESCRITA E O ENSINO FUNDAMENTAL DE 9 ANOS E SUAS POSSÍVEIS RELAÇÕES COM O BRINCAR

A discussão acerca do ensino e da aprendizagem, da leitura e da escrita antes dos sete anos, tem merecido a atenção de educadores e estudiosos da área, em diferentes contextos da história da educação brasileira.

Nos últimos anos, um novo impulso foi dado ao debate, estimulado pela antecipação da escolarização obrigatória, concretizada com a entrada das crianças de seis anos no Ensino Fundamental. Ao se discutirem os conteúdos e as intervenções pedagógicas adequadas tanto as crianças que passaram a integrar o Ensino Fundamental, quanto aquelas que continuaram na Educação Infantil, tem-se problematizado a adequação de se trabalhar a aquisição da língua escrita nesse período da educação da infância.

Afirma-se que esse discurso se circunscreve a duas posições hegemônicas e, ao mesmo tempo antagônicas. De um lado, argumenta-se acerca da inadequação do trabalho com a língua escrita nessa faixa etária por considerá-lo uma antecipação indesejável de um modelo escolar típico do Ensino Fundamental. De outro, o trabalho com a língua escrita desde a Educação Infantil é avaliado positivamente como uma medida “compensatória” ou propedêutica com vistas à obtenção de melhores resultados nas etapas posteriores da educação básica ¹.

A partir da realização desse trabalho, penso que é possível concordar com a segunda parte, onde argumenta-se que a língua escrita é avaliada posteriormente na Educação Infantil, desde que ela venha associada ao lúdico. Que seja sem compromisso de alfabetizar. Porque nesta faixa etária a criança é espontânea e aprende com facilidade através das brincadeiras.

¹ Trecho retirado do livro: **A criança de 6 anos, a linguagem escrita e o Ensino Fundamental de 9 anos**, 1ª edição, Brasília, 2009, p.13.

Um exemplo disso é trabalhar o nome das crianças, através de jogos. Eles aprendem a reconhecer as letras, relacionam com outras e brincando descobrem várias palavras onde aparecem as letras de seu nome.

No início do ano, apenas dois alunos sabiam escrever seus nomes. Através do lúdico (jogos), eles foram descobrindo e aprendendo a reconhecer as letras dos seus nomes. Hoje, apenas uma menina que apresenta algumas dificuldades não escreve seu nome, mas identifica-o entre os demais.

Jogo da memória com os nomes:



Foto 14: Jogo da memória com os nomes

Neste jogo as peças estão viradas e eles procuram os seus pares. Muitos reconheceram os nomes dos colegas neste jogo.

Outra maneira de colocá-los na linguagem escrita, foi a chamada visual. A chamada onde todos os nomes estão dispostos no quadro mural. No começo a professora dizia o nome. Hoje coloco o dedo sobre a ficha e eles dizem de quem é e se veio a aula ou não.

Descubra qual é o seu nome:



Foto 15: Jogo dos nomes

Esta atividade pode ser feita de várias maneiras. Uma delas é buscar entre as fichas o nome de algum colega e entregar ao dono ou identificar colegas que o nome começa com a mesma letra. Quando o colega não conseguia identificar o nome, ele olhava no quadro mural (quadro da chamada) e fazia a relação e descobria seu nome ou de algum colega.

Por isso acredito que é importante a criança da Educação Infantil, ter esse contato com a língua escrita de uma maneira mais lúdica.

[...] assim como o trabalho manual e o domínio do desenho são, para Montessori, exercícios preparatórios para o desenvolvimento da linguagem escrita das crianças. Os educadores deveriam organizar todas essas ações e todo o complexo processo de transição de um tipo de linguagem escrita para outro. Deveriam seguir todo o processo através de seus momentos mais críticos até a descoberta

de que não somente se podem desenhar objetos, mas que também se pode representar a linguagem. Se quiséssemos resumir todas essas exigências práticas e expressá-las em uma só, poderíamos dizer simplesmente que às crianças dever-se-ia ensinar-lhes a linguagem, não a escrita das letras (VYGOTSKY, 2000, p.178).

Vygotsky conclui que a partir da interpretação de estudos acerca do desenvolvimento da escrita nas crianças, foi quanto a necessidade de esta ser ensinada naturalmente. Ao referir-se a Montessori, salienta que os aspectos motores podem ser acoplados ao brinquedo infantil e que escrever pode ser “cultivado” ao invés de “imposto”. Por esse método, segundo avalia Vygotsky, as crianças não aprendem a ler e a escrever, mas sim descobrem essas habilidades durante as situações de brincadeiras nas quais sentem a necessidade de ler e escrever.

5.1 A PRÁTICA DA CONSTRUÇÃO DE BRINQUEDOS

Construir seus próprios brinquedos e poder com eles brincar, fez com que as crianças demonstrassem mais prazer e cuidado com os brinquedos, já que foram eles e os pais que os fizeram; incentivaram as trocas, o empréstimo e proporcionaram experiências que não tinham tido oportunidade de ter. O uso de materiais diversos, poder escolher, discutir de que forma e reconhecer a sua autoria gerou nas crianças uma auto estima muito grande. A possibilidade de demonstrar as suas potencialidades e habilidades fez com que tomassem consciência do que são capazes, de que as dificuldades podem ser vencidas, e que opinar faz parte de sua ação no grupo.

Outro aspecto importante na experiência foi que reaproveitamos materiais da caixa das sucatas (restos de tecido, bolas de isopor da festa de aniversário, meia calça usada, jornais, caixas de papelão, tampas plásticas, garrafas pet, entre outros). Usando esses materiais, chamamos a atenção das

crianças em relação à reciclagem e para a questão do lixo que não é aproveitado.

A conversa na rodinha foi o momento em que as crianças pararam, pensaram, ouviram, tomaram decisões e fizeram suas escolhas. Esse momento de troca de experiências, da manifestação verbal das ideias, a criança é a peça fundamental. A roda é um importante instrumento para a observação do educador e uma oportunidade da criança ter atenção individualizada num contexto coletivo (FERREIRA apud NICOLAU, 2003, p.153).

Com a construção de brinquedos a criança se sente livre e tem confiança para soltar sua imaginação, sem medo de ousar, de arriscar-se de inventar e errar. Brincar, segundo Machado, é um aprendizado de vida que leva as crianças a traçarem seu próprio caminho a ser percorrido.

A possibilidade de produzir seus próprios brinquedos, na sociedade de consumo na qual vivemos, é uma forma de incentivar e resgatar a brincadeira infantil e também desviar os focos dos brinquedos industrializados que a mídia tanto apresenta. Para a mídia, a criança não precisa criar nada, é simplesmente apertar um botão.

Todo esse processo nos faz pensar em um momento tão marcado pela comercialização de brinquedos, ainda há um importante espaço para a valorização da criação pessoal, ainda se mantém o encanto de aprender fazendo o próprio brinquedo e construindo o ato de brincar (SMOLE, págio, 2003/2004, p.39).

Foi fundamental neste trabalho a mediação e a participação da professora no trabalho com os alunos, a organização, a interação com as crianças, os questionamentos que ajudaram a ampliar e favorecer a expressão infantil. O professor por sua vez, fez o papel do facilitador, fazendo intervenções através das conversas, abrindo espaços para as discussões

sobre as dificuldades encontradas e lançando desafios na busca de soluções, de forma a enriquecer o trabalho e favorecer a aprendizagem.

Ajudar a organizar as ações das crianças é possível se, ao lançar-se um olhar sobre o que fazem, o que significa na verdade "escutar o que dizem", pois as crianças falam através do desenho, da pintura, da modelagem, da construção, da colagem (FERREIA apud NICOLAU, 2003, p.150).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo de caso foi realizado na escola A e na escola B, uma da rede Municipal de Ensino e outra da rede Estadual de Ensino. Ambas da mesma cidade, São Leopoldo, onde leciono em turnos diferentes.

Este trabalho buscou analisar como se dá a passagem da Educação Infantil para a alfabetização, sobre a perspectiva do brincar a partir de um estudo realizado. De acordo com este estudo do caso, podemos afirmar que brincar é essencial, desde a Educação Infantil, visto que através do brincar as crianças desenvolvem múltiplas capacidades, amadurecem, aprendem a lidar com os conflitos, resolvem e decidem a melhor maneira de se organizar.

Através das brincadeiras foi possível observar que as crianças fazem inúmeras representações. Representam papéis de adultos através das atitudes, das falas, dos gestos corporais. Além disso, revelam no brincar a espontaneidade, a criatividade, a alegria, o prazer, aspectos que muitas vezes são desconsiderados pelos adultos e pela cultura da sociedade contemporânea. Ao brincar através do faz de conta, a criança utiliza-se de elementos concretos, relacionados a sua vida cotidiana e que vão refletir os aspectos culturais.

Outro aspecto a ser destacado, a partir das leituras realizadas e das observações feitas, é a importância do brinquedo livre. Pude observar que esse é um dos momentos mais esperados pelas crianças, onde revelam todo o seu potencial e capacidade. O brinquedo livre abre espaço para agir, conforme se deseja, espaço e tempo onde as crianças experimentam sua autonomia, interagem uns com os outros e com os objetos. Enquanto brincam, estabelecem relações, discutem e constroem regras, desenvolvem a linguagem verbal e fazem descobertas. O importante no brincar é justamente a incerteza dos resultados e o fascínio pelo novo a ser desvendado. Nesta concepção, de acordo com os argumentos de diversos autores, tais como Andrade , é importante que a escola seja um ambiente facilitador, estimulador para a criança e que privilegie em seu currículo o espaço e o tempo para a

brincadeira, a liberdade para experimentar, de sentir, de expressar suas emoções, o seu pensamento.

Foi verificado durante as observações que o professor como mediador, deve participar das brincadeiras, estimular e estar sempre atento às necessidades da criança. O brincar livre é importante, sem que se tenha hora marcada e com o objetivo de ensinar algo. O objetivo deve ser o de promover o conhecimento a partir das próprias descobertas, das hipóteses que vão surgindo, promover a socialização.

Na alfabetização podemos perceber que, embora o brincar seja um recurso tão rico e importante para a infância, é pouco utilizado pelos professores, que estão preocupados com o ensinar e não com o educar. O que nós, educadores, temos que nos conscientizar e considerar em nossa prática pedagógica, é que a criança da Educação Infantil, quando faz esta transição para a alfabetização, não deixa de ser criança. O brincar livre se inserido numa proposta pedagógica, com o apoio dos pais, da direção e da escola, e sem negligenciar o ensino, pode ampliar a imaginação das crianças, servindo de base para sua produção escrita, matemática, entre outras disciplinas que a escola trabalha.

A Educação Infantil é prova que isto é possível, pois, através das possibilidades que oferecemos, as crianças nessa fase vão construindo seu mundo, suas significações, seus conhecimentos, ampliando assim sua aprendizagem.

Outro ponto a destacar nesta pesquisa é o olhar sobre a infância e o brinquedo. A partir desta pesquisa meu olhar como educadora se transformou, ao ver relações que as crianças estabelecem durante o brincar, o encantamento de repente tomou conta da minha tarefa de educar e que hoje procuro transmitir as crianças.

A partir deste trabalho e como futura pedagoga, percebo a importância do nosso papel na educação das crianças e na formação do sujeito. Valorizar suas falas como fonte de troca de experiências e como parte fundamental na elaboração de nossos planejamentos. Esta é, sem dúvida, uma forma de

qualificarmos a educação das crianças. A escola deve privilegiar, em suas propostas, o espaço para brincar, devendo levar em consideração que o brincar não é uma perda de tempo e sim um tempo considerável na construção da identidade da criança.

Concordo quando se diz que nós da Educação Infantil temos mais tempo para brincar, porém acredito que nosso trabalho é tão importante quanto o da primeira série, com objetivos diferentes sim.

Para finalizar este trabalho, considero importante colocar que essa experiência de pesquisa com crianças foi essencial para a minha vida profissional. Hoje, me vejo menos preocupada com a transmissão dos conteúdos. Pelo contrário, penso em produzir conhecimentos. Levarei para minha prática a importância dos momentos lúdicos, indiferente da série que estiver trabalhando, procurarei transmitir a educadores como eu a importância de se construir um ambiente escolar realmente preocupado com o bem estar integral da criança, e, como condição essencial, o brincar como elemento de humanização e de produção de aprendizagem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BROUGERE, Gilles. **Brinquedo e Cultura**. São Paulo: Cortez, 1995.
- CUBERES, Maria Teresa González (org.). **Educação Infantil e séries iniciais**. Articulação para Alfabetização. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- KISHIMOTO, Tyzuco Morchida (org.). **O brincar e suas teorias**. São Paulo: Pioneira, 1998.
- _____. **Jogo, brincadeira e a educação**. São Paulo: Cortez, 2002.
- Lei de diretrizes e base da educação nacional**, Lei 9394 de 20/12/1996. Unisinos, 1996.
- MACHADO, Marina Marcondes. **O brinquedo e a sucata**. São Paulo: Loyola, 1994.
- MOYLES, Janete R. **O papel do brincar na Educação Infantil**. Porto Alegre: ARTMED Editora, 2002.
- NICOLAU, Marieta Lúcia Machado; DIAS, Marina Célia Moraes (org.). **Oficinas de sonho e realidade. Na formação do educador da infância**. São Paulo, PAPIRUS, 2003.
- Revista Pátio Educação Infantil**. Dez. 2003/Mar. 2004. Ano I nº. 3, P. 36-39.
- OLIVEIRA, ZILMA Ramos de. **Educação Infantil: Fundamentos e Métodos**. São Paulo: Cortez, 2000.
- PEREIRA, Eugênio Tadeu. **Revista Criança**. Nov. 2002. Nº 37, p. 7-13.
- QUEIROZ, Tânia Dias; MARTINS, João Luiz. **Pedagogia lúdica: jogos e brincadeiras de A a Z**. São Paulo: RIEDEEL, 2002.
- REDIN, Marita. **Entrando pela Janela: O encantamento do aluno pela escola**. Porto Alegre: Editora Meditação, 2002.
- Revista Criança**. Nov, 1998. Nº 31, p. 3-9.
- REGO, Teresa Cristina. **VYGOTSKY: Uma perspectiva histórico-cultural da Educação**. Petrópolis: Vozes, 2001.
- SARMENTO, Manuel Jacinto. **As culturas da infância nas encruzilhadas da 2ª modernidade**. Universidade de Minas, s.d.

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO E CULTURA DE SÃO LEOPOLDO. **Plano de Trabalho do Professor**. Escola Municipal de Ensino Fundamental Senador Salgado Filho, 2004.

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO E CULTURA DE SÃO LEOPOLDO. **Projeto Político Pedagógico**. Escola Municipal de Ensino Fundamental Senador Salgado Filho, 2003.

VYGOTSKY, I. S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

VOYPATO , Gilda. **Jogo, brincadeira e brinquedo**. Florianópolis: Cidade Futura, 2002.

YIN (1990). **Revista de administração**. São Paulo. v.26,n.3. p.95 a 97, julho/setembro, 1991. Acessado em 01/11/2010 às 17h49.